

## Os desastres amazônicos

**Data:** 11/02/2003

**Autor:** Lúcio Flávio Pinto

*Contaminação do rio Iriri mostra, mais uma vez, precariedade dos meios de prevenção e controle de problemas na região*

**Belém** - No dia 15 de janeiro, os moradores das margens do rio Iriri, um dos formadores do Xingu, por sua vez um dos principais afluentes da margem direita do rio Amazonas, no Pará, começaram a notar o aparecimento de peixes mortos. Quase um mês depois, é provável que se venha a saber qual a origem da alta concentração de cianotoxinas nas águas do rio, que acabaram se estendendo por boa parte do baixo Xingu, ameaçando a vida da fauna e de pelo menos 100 mil pessoas, incluindo três dos maiores grupamentos indígenas do Estado. O Iriri e o Xingu, a partir do ponto em que suas águas se fundem, percorrem aproximadamente mil quilômetros, de sul a norte, até desaguar no Amazonas, o maior rio do planeta.

Desde o início do fenômeno, até a sua identificação e registro para comunicação às autoridades, foram necessários 10 dias. Uma amostra da água contaminada só chegou alguns dias depois aos laboratórios da Universidade Federal do Pará, em Belém, quase mil quilômetros a leste de Altamira, a maior cidade do vale do baixo Xingu (com 85 mil habitantes). Foi fácil diagnosticar o problema: teor de nitrogênio amoniacal muito acima do limite estabelecido pela legislação ambiental brasileira para águas da classe II, aquelas que podem ser consumidas pelo ser humano.

Quanto à causa do problema, foram apresentadas duas ordens de teorias, pendentes de comprovação por falta de nova coleta de material e dos testes necessários. A origem poderia ser natural, provocada pela multiplicação exagerada de algas no fundo do Iriri, às proximidades das suas nascentes, que exauriram o oxigênio. O gás matou diretamente os peixes mais suscetíveis e foi agindo sobre a cadeia alimentar, além de se espalhar pela água. O alcance, a velocidade e a intensidade dos seus efeitos, entretanto, surpreenderam as pessoas que vivem ou acompanham a vida na região.

Duas hipóteses com base em causas humanas foram também suscitadas. A primeira especulação foi associada ao uso de produtos químicos na extração madeireira, a atividade de maior impacto na área atualmente. O veneno poderia ter sido aplicado na imunização da madeira ou seria um desfolhante utilizado para acelerar a ação dos desmatadores. Posteriormente, a especulação se deslocou para uma antiga mina de cassiterita, já desativada. Dos tanques de contenção abandonados poderia ter vazado arsênio, usado na depuração do minério de estanho.

A prova dos nove terá que aguardar até amanhã, quando análises mais profundas poderão esclarecer o fenômeno. Independentemente de suas origens, porém, ele já assumiu a característica de um autêntico desastre ecológico, dos maiores nas águas da Amazônia nos últimos anos. Milhares de peixes de várias espécies e outros animais morreram, incluindo os resistentes jacarés. Privações e prejuízos foram causados à vida humana, embora ainda não se tenha notícia de qualquer morte. Muitas comunidades tiveram que suspender o uso do rio para suas necessidades e recorrer a poços artesianos. Algumas estão há dias sem água potável. Outras foram privadas também de sua principal fonte de alimentação, o peixe.

Mais do que tudo, porém, ficou atestada mais uma vez a precariedade dos meios de prevenção e controle de problemas na região. Problemas que tendem a se diversificar e agravar na medida em que a presença humana se adensa e se expande. Se o teor de gás agressivo à vida nas águas do Iriri é um produto da natureza, que se realizava e se exauria em seus limites, sua transformação em caso de calamidade pública deve-se à presença cada vez maior do homem em domínios novos, em regiões até então selvagens, expandindo a fronteira antrópica.

O pioneiro vai avançando celeremente, mas a estrutura de serviços, dentre as quais a do governo, como normatizador e regulador, encarregado de prover o conforto e de assegurar o equilíbrio, não o acompanha. O resultado é que, no caso do desastre do Iriri, as autoridades receberam a notícia da contaminação das águas, mas não dispunham de recursos para deslocar seus técnicos até o local para a verificação do problema e a coleta de material. Daí a incerteza sobre o fenômeno perdurar por tanto tempo, um contraste com a capacidade da ciência para dar respostas mais imediatas e oferecer os meios para proteger o homem desse tipo de agressão.

### **Descompasso**

O descompasso entre a disponibilidade, em tese, dos conhecimentos humanos já existentes e o avanço da atividade produtiva é uma das causas dos grandes danos que o alargamento das fronteiras amazônicas causa à natureza e ao próprio colonizador. Ao prejuízo diretamente ecológico se aduz a destruição de bens que poderiam se tornar produtos e mercadorias (inclusive renováveis), se o processo não fosse tão caótico, predatório, irracional. A biodiversidade tem sido a principal vítima, pela qual todos ainda verteremos lágrimas de sangue (cifronizado ou não). Investe-se pouco nas formas de antecipação e de remediação da presença humana, como se a corrida às novas terras amazônicas tivesse que seguir os mesmos processos de séculos anteriores, ignorando o avanço civilizatório.

Essa "filosofia" expõe os pioneiros (e também os nativos, convém não ignorar) a um risco que seria evitado se a ciência, a tecnologia e as conquistas da sociedade humana seguissem junto com os devassadores das novas fronteiras econômicas. Como isso não acontece, quase 100 mil pessoas ficam sujeitas à intoxicação e envenenamento por falta de informação a tempo sobre a contaminação das águas que utilizam para consumo próprio. À ameaça estiveram expostos tanto os habitantes citadinos de Altamira quanto os índios de três grandes aldeias.


Se antes do início do processo de integração física e econômica da Amazônia ao restante do Brasil, do qual era pouco mais do que um apêndice até a década de 50, o homem vivia em certa harmonia com a natureza, que era o elemento dominante da relação, hoje os pólos se inverteram. Dava-se ao luxo de retirar do rio grande parte do que precisava para atender suas necessidades, da água para beber ao peixe para se alimentar. A natureza às vezes filtra, mas quase sempre incorpora os efeitos da ação humana, mesmo que não gere reação imediata, nem ofereça aviso de contra-indicação. Há bombas de efeito retardado plantadas em vários pontos da região, como se fossem minas abandonadas pelos que combatem a natureza como se enfrentassem um inimigo odiado (não a companheira de antes).

A hipótese sobre a contaminação do Iriri por resíduos de arsênio da mineração de cassiterita é uma dessas minas. Na bacia do Xingu, rio acima, uma outra mineradora utilizou cianeto para a produção de ouro. Terá deixado resíduos? Eles podem estar chegando às drenagens naturais? Quantas outras lavras, abertas sem qualquer preocupação com seu impacto ecológico, não foram encerradas com a mesma negligência, formando lixeiras a céu aberto?

### **Tragédias anunciadas**

Nas décadas de 70 e 80, quando ainda não havia a consciência ecológica dos nossos dias, muitos desastres aconteceram na Amazônia sem sequer merecer o registro que agora teve a contaminação no Iriri. Fazendeiros aplicaram desfolhantes químicos para se livrar do estorvo da cobertura vegetal de suas áreas (legítimas ou griladas) e produzir mais rapidamente pastagens, que logo em seguida entravam em degradação, na esquizofrênica substituição de paisagens ricas por paisagens pobres, que tem sido uma das marcas da "integração" da Amazônia.

Em outro episódio, técnicos saíram atrás de venenos que a desastrosa Agropecuária Capemi supostamente deixara na área que seria inundada para a formação do enorme lago artificial da

INSTITUTO	
	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	<i>Agencia Estado</i>
Data	<i>14/12/2003</i> Pg
Class.	<i>50</i>

hidrelétrica de Tucuruí, no Tocantins. Até os pés da barragem, aliás, podia chegar o mercúrio aplicado desbragadamente pelos garimpeiros de Serra Pelada na cata de ouro. De drenagem em drenagem, assumindo a forma mais sinuosa de veneno orgânico, o mercúrio poderia chegar até Belém, a maior cidade da região.

Tudo é possível. Não esteve a capital paraense, bem pouco tempo atrás, exposta à poluição de petróleo, que era transportado numa embarcação sem qualquer condição de desempenhar esse tipo de atividade (tanto que naufragou bem na margem, de uma forma primária, que só por acaso não se transformou em uma nova tragédia)?

Como se fosse a face oculta da Lua, essa é a face não iluminada da glamurosa aventura amazônica, que não faz parte do script. O roteiro do fascínio inclui o ponto de extração da riqueza, os meios para levá-la a um ponto litorâneo de embarque (ou reembarque) e as providências para fazê-la chegar até um ponto de consumo final. Neste último é que atuam os atores principais dessa história, os mocinhos. Para trás ficam os saloons, as minas, as estradas poeirentas e os rios que vão se tornando precários meios de transporte ou de abastecimento de água, sem que seus usuários se dêem conta da dimensão do drama que estão vivendo. E, menos ainda, dos elos invisíveis que os atam à epopéia de conquista. Na qual, como de regra nessas histórias, são apenas cenário, decoração ou figurantes. Condenados, portanto, ao anonimato e ao descaso. E, freqüentemente, à morte antecipada. Estupidamente abreviada.

**Lúcio Flávio Pinto** é *jornalista*.

**Copyright © 2001 Amigos da Terra - Amazônia Brasileira. - Todos os direitos reservados.**